

DA TECELAGEM AO DESMONTE: UMA ANÁLISE DA ARQUITETURA DO COMPLEXO FABRIL TÊXTIL DE RIO LARGO, A PRIMEIRA CIDADE INDUSTRIAL DE ALAGOAS

Luiz Alberto Calheiros Oliveira Júnior¹

Mônica Peixoto Vianna²

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este artigo trata do estudo das vilas operárias construídas pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT) para as fábricas “Cachoeira” e “Progresso” que deram origem à primeira cidade industrial de Alagoas, atual Rio Largo, verificando suas configurações espaciais, as várias tipologias de arquitetura e suas relações com diferentes conceitos de habitat, o processo de desmonte e a situação atual desses espaços. Primeiramente apresenta o processo de instalação das indústrias têxteis em Alagoas, as várias empresas criadas e suas experiências em construir habitação para seus funcionários. E, em seguida, o estudo se concentra no caso da CAFT, mostrando seu processo de criação, expansão e consolidação com a construção das fábricas “Cachoeira” e “Progresso”, das vilas operárias e de suas obras de apoio, como Grupo escolar, Departamento de Saúde, cooperativa, cinema, igrejas, clube com cassino etc. O objetivo central do artigo é recuperar a história da implantação desse complexo fabril têxtil que deu origem à primeira cidade industrial de Alagoas, investigando a situação atual da cidade de Rio Largo e as transformações espaciais correlatas, contribuindo para a escassa historiografia sobre a arquitetura têxtil em Alagoas.

PALAVRAS CHAVES

Cidade industrial. Rio Largo. Patrimônio industrial têxtil.

ABSTRACT

This article deals with the study of worker housing built by Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT) for the factories “Cachoeira” and “Progresso” that gave rise to the first industrial city of Alagoas, currently Rio Largo, verifying their spatial configurations, the various architectural typologies and their relationship with different habitat concepts, the dismantling process and the current situation of these spaces. Firstly, it presents the process of installing the textile industries in Alagoas, the various companies created and their experiences in building housing for their employees. And then, the study focuses on the case of CAFT, showing its process of creation, expansion and consolidation with the construction of the factories “Cachoeira” and “Progresso”, of the workers’ housing and of their support buildings, as a school group, Health Department, cooperative, cinema, churches, club with casino etc. The main objective of the article is to recover the history of the implantation of this textile factory complex that gave rise to the first industrial city of Alagoas, investigating the current situation of the city of Rio Largo and the related spatial transformations, contributing to the scarce historiography on the textile architecture in Alagoas.

KEYWORDS

Industrial city. Rio Largo. Textile industrial heritage.

1 INTRODUÇÃO

O núcleo urbano construído e gerenciado pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos (CAFT) fica localizado na atual cidade de Rio Largo-AL, emancipada politicamente do município de Santa Luzia do Norte, em 1915, cujo princípio da emancipação está diretamente ligado ao apogeu da indústria têxtil alagoana.

Decorrente da concorrência com produtos importados e de uma praga que se espalhou pelas plantações de algodão, a CAFT encerra suas atividades por completo em 1980. A partir desse momento, as residências operárias são destinadas aos respectivos moradores (funcionários) como indenização após o processo de falência.

As edificações pertencentes à então família Paiva, como a Administração, a Oficina, a Fábrica Cachoeira, a Fábrica Progresso, a Igreja Sagrado Coração de Jesus, o Grupo Escolar, o Restaurante, o Centro Médico, o Cassino, o Clube e o Cinema, após o encerramento das atividades fabris, passaram por um longo processo de desuso e algumas foram parcialmente destruídas com a enchente do Rio Mundaú em 2010.

Como em todo o Brasil, as vilas e núcleos operárias encontram-se cada vez mais desconfiguradas e destruídas, visto a carência de políticas públicas preservacionistas sobre o referido tipo construtivo. Até o presente momento, nenhuma ação ou projeto de conservação patrimonial ligado ao antigo núcleo operário de Rio Largo foi iniciado.

Nos dias atuais, as obras de apoio do núcleo encontram-se totalmente arruinadas, restando em algumas apenas suas paredes externas. Com o acelerado processo de abandono do perímetro compreendido pela extinta Companhia é importante o estudo do local e o armazenamento das informações para estudos posteriores, bem como a valorização do bem patrimonial têxtil.

2 A ORGANIZAÇÃO URBANA DA COMPANHIA ALAGOANA DE FIAÇÃO E TECIDOS E A FUNÇÃO DAS EDIFICAÇÕES DE APOIO NO COTIDIANO FABRIL

A companhia Alagoana de Fiação e Tecido surge no início da industrialização do estado de Alagoas, sendo formada pela junção das Fábricas “Cachoeira” e “Progresso”, logo após a junção dos capitais têxteis a vila operária de Rio Largo assume condições urbanas mais abrangentes, sendo referência em potencial de lazer e formação para operários (RODRIGUES, 2017).

A Fábrica Cachoeira foi construída próximo à estação férrea Gustavo Paiva, enquanto a Fábrica Progresso foi construída próximo à estação férrea Rio Largo. As primeiras edificações da CAFT segundo Paiva Filho (2013), foram construídas para armazenamento de matérias-primas, combustíveis e moradias para os funcionários. Uma das construções que se destaca no final do século XIX, início do século XX foi o cais que protegia as instalações da Fábrica Cachoeira das enchentes do Rio Mundaú.

Rodrigues (2017, p.71) aborda que a “interpretação do valor tecnológico, recorrente no patrimônio industrial, está relacionado às técnicas utilizadas para adaptar o ambiente de forma a possibilitar ou aprimorar a realização das atividades fabris”. Diante disso pode-se observar o sítio arquitetônico de Rio Largo e perceber as várias adaptações do núcleo fabril ao relevo local, e ao processo capitalista vigente, como exemplo a construção da moradia dos proprietários fabris, que dela podia-se observar toda a vila operária.

É por meio das edificações fabris ligadas a fatores ambientais e estruturantes que a indústria têxtil adquire não somente a dimensão como influência na vila operária e sim como proprietária do espaço urbano. Segundo Paiva Filho (2013) no início da produção fabril no núcleo urbano da CAFT foram construídas oitenta moradias de tijolos e telhas para abrigar os funcionários.

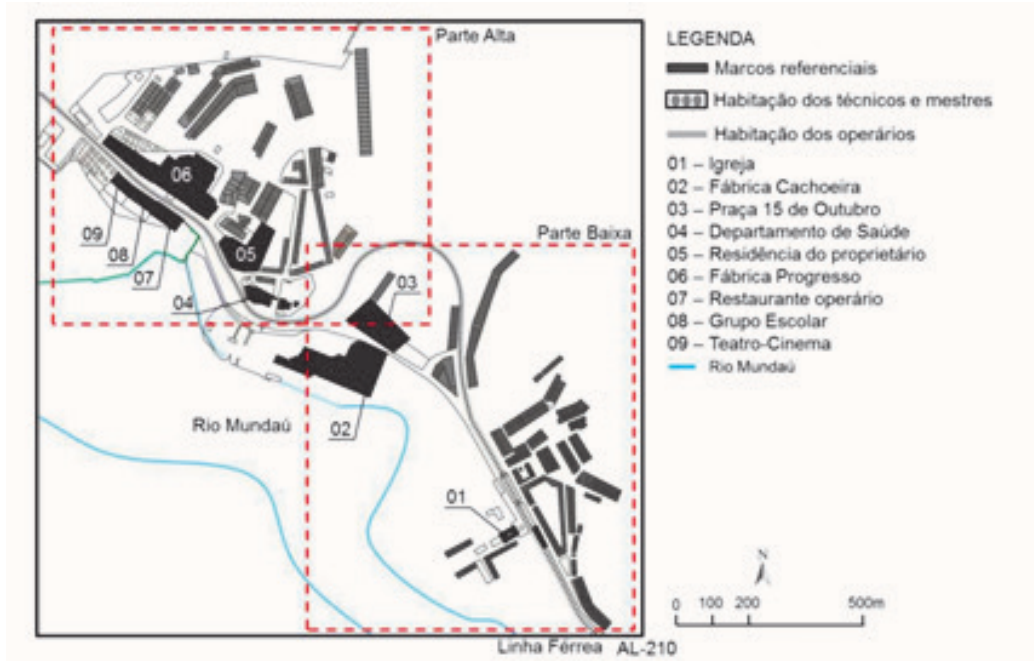
Passada uma década de funcionamento da CAFT a vila operária contava com mais de quatrocentas moradias, em sua maioria para operários, sendo as moradias divididas em células para técnicos, mestres e contramestres. A busca por trabalho e melhores condições de vida, foram atrativos para que centenas de pessoas mudassem suas moradias para a então Vila de Rio Largo, em uma década de funcionamento a Fábrica Cachoeira já possuía mais de trezentas residências de tijolo e telha (PAIVA FILHO, 2013).

No complexo fabril criado pela Companhia existiam distintos tipos de moradias, as mais simples sendo casas germinadas, com coberta aparente e porta e janela na fachada frontal; e moradias mais sofisticadas, que seguiam as características arquite-

tônicas em uso da época, esse tipo de moradia era destinada a operários que exerciam cargos de importância na empresa, como os mestres, contramestres ou gerentes. Sendo assim pode-se observar que a hierarquia fabril se especializava na cidade também pela arquitetura.

A consolidação da vila operária se deu por meio da administração de Gustavo Paiva, que adotou uma política assistencialista de destaque na sociedade e economia alagoana. A CAFT ofertava a seus funcionários e familiares, além de emprego acesso a saúde, educação, lazer e alimentação.

Imagem 1 – Esquematisação da cidade operária de Rio Largo, no final do século XIX e início do século XX



Fonte: Rodrigues (2014).

A disposição dos equipamentos (edificações) se dava por uma lógica de relações de poder, como pode ser analisado por meio da edificação da residência da família Paiva, onde o sobrado tem vista panorâmica para todas as edificações do núcleo fabril, expressando uma relação de poder disciplinador e vigilância sobre os demais operários.

Na metade do século XX a imprensa alagoana intitulava Rio Largo como um dos principais polos industriais do estado de Alagoas, destacando sempre a figura do Comendador Gustavo Paiva e suas práticas assistencialistas:

Rio Largo foi uma cidade que progrediu graças aos esforços do Comendador Gustavo Paiva. Ali há tudo quanto se pode encontrar em uma cidade moderna. Para os filhos dos operários há escolas bem organizadas. Ali se faz consciente

campanha ao analfabetismo. Toda sorte de jogos athleticos ha em Rio Largo. Ha banda de musica bem cuidado. Ali ha vida, ha trabalho, instrucção moral e artistica. Rio Largo progride pela actuação benemérita do Commendador Gustavo Paiva. A Companhia Progresso, fez uma cidade onde ha tudo alegria para o operário, educação para as crianças, diversão para todos. "O Natal" admira esta atividade do Commendador Gustavo Paiva e felicita-o por todo seu trabalho na cidade bonita de Rio Largo (O PROGRESSO..., 1938, np).

A vila operária, embora considerada por muitos um exemplo de modelo econômico, demonstra socialmente aspectos de dependência em vários sentidos da vida particular de seus operários. O domínio da fábrica se espalhava desde o controle de capital, ao controle da vida social, da educação e da saúde, em todos os aspectos existia um caráter de domínio entre patrão e empregado.

Aos poucos o núcleo fabril foi crescendo e outros equipamentos sociais e de serviços são levados ao local, estes desta vez sendo comandados por novas pessoas e novos capitais, porém ainda ligada a ideia de um núcleo fundador e operacional, a CAFT.

Durante o período têxtil a vida dos moradores estava atrelada socialmente e culturalmente às propriedades da CAFT, por meio das edificações de lazer, cultura e educação sendo elas: Centro Médico, Cassino, Cinema, Teatro, Clube, Grupo Escolar, Creche, Ginásio Estudantil, Restaurante, entre obras urbanas como praças.

Imagem 2 – Restaurante Operário



Fonte: Paiva Filho (2013).

As primeiras construções as quais são noticiadas, são as residências operárias e os depósitos para acomodação dos sacos de algodão em rama e outros materiais para fabricação, como também os edifícios destinados a máquina a vapor, as chaminés (a da fábrica Cachoeira com 76 pés), a casa de força e o aqueduto.

O Centro médico, também conhecido por Departamento Médico foi uma referência quanto a atendimento hospitalar e ambulatorial no interior de alagoas,

foi responsável pelo cuidado e controle de doenças em todo o núcleo urbano. A edificação contava com exames laboratoriais e de imagens, um marco importante quando analisada a saúde alagoana nas décadas de 1930 e 1940. O local era estrategicamente localizado próximo a residência de Gustavo Paiva e entre as Fábricas de Cachoeira e Progresso Alagoano.

Imagem 3 – Centro Médico



Fonte: Paiva Filho (2013).

A escolha da localização e o motivo de sua construção estão ligados diretamente à morte de Jesuíno Ferreira, que cumpria ordens de Gustavo Paiva e sofreu um acidente de trabalho onde teve um de seus pés decepado por uma serra, pelo núcleo urbano não contar com atendimento médico o rapaz precisou esperar horas até que um trem o levasse para Maceió e acabou falecendo (PAIVA FILHO, 2013). Sendo assim, o Departamento de Saúde surge como local de apoio social àqueles que trabalhavam na CAFT, o local abrigava inicialmente a Creche que cuidava dos filhos dos operários e operárias.

Ligada ao contexto de controle operário da CAFT, em 1944 é inaugurada a Igreja Sagrado Coração de Jesus, no local onde existia até então a Capela da Imaculada Conceição, próximo à Fábrica Cachoeira e às margens do Rio Mundaú. As missas e festividades religiosas foram formas de unir os operários aos patrões, criando maneiras de manter a admiração e o respeito entre as categorias (RODRIGUES, 2014).

Além de investimentos religiosos, Gustavo Paiva oferecia meios artísticos para a formação cultural, como a Banda de Jazz feminina. Paiva investiu também em times de futebol compostos pelos operários, artes marciais, bandas de música, grupos folclóricos, eventos e desfiles cívicos, festas de carnaval, natal etc.

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi erguida pelos funcionários que serviam na Fábrica de Cachoeira e teve os trabalhos artísticos sob responsabilidade de Feruzio Brazini, que também foi responsável pela escada helicoidal no interior da igreja. A Igreja conta com um único campanário, composto por nove sinos de bronze, formando uma bateria de carrilhão.

Imagem 4 – Igreja Sagrado Coração de Jesus

Fonte: Paiva Filho (2013).

A igreja foi por anos o local de cultivo dos anseios cristãos e o local de culminância da fé e espiritualidade do núcleo urbano. Embora existam outras igrejas em Rio Largo, a do Sagrado Coração de Jesus foi a grande referência nos eventos católicos e na acolhida dos fies que trabalhavam na CAFT.

O Cinema, Teatro e Cassino traziam aos trabalhadores fabris a oportunidade de usufruir de lazer e cultura no perímetro do interior alagoano. No teatro apresentaram-se companhias teatrais, orquestras e grupos musicais vindos de todo o Brasil além dos criados no próprio local, como a banda de jazz feminina da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos.

O restaurante operário foi criado, seguindo os moldes preconizados pelo serviço de alimentação da previdência social criada pela ditadura Vargas com a ideia de proporcionar aos trabalhadores brasileiros refeições por um preço módico. O salão das refeições contava com 125 mesas e com um ótimo sistema de iluminação.

O Grupo Escolar e o Ginásio Estudantil trouxeram educação a Rio Largo, contando com todo o apoio assistencialista da CAFT. Os alunos tinham acesso a educação, alimentação e a kits escolares. O Grupo escolar foi desativado após a enchente de julho de 2010 e o Ginásio Judith Paiva funciona até os dias atuais, sendo mantido pelo sistema público de educação.

Imagem 5 – Grupo Escolar

Fonte: Paiva Filho (2013).

Todas as obras de apoio foram criadas pela Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos por meio do apelo assistencialista de Gustavo Paiva e foram por anos referência às indústrias brasileiras como apoio ao funcionário. Todo o trabalho assistencialista foi seguido e ao mesmo tempo inspirado por vilas operárias distribuídas pelo Brasil e por Alagoas como a Vila da Pedra em Delmiro Gouveia.

3 O PROCESSO DE DESMONTE DA CAFT E DE SUAS VILAS OPERÁRIAS E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A CIDADE DE RIO LARGO – AL

Segundo Tenório e Lessa (2013), o algodão já era cultivado na Terra de Santa Cruz pelos índios antes mesmo do aportamento das caravelas de Cabral no Brasil. Em Alagoas – antiga capitania de Pernambuco, manifestava-se como produto nativo do exemplar arbóreo utilizados pelos índios na fabricação de material para caça e pesca, de cordas, objetos caseiros, redes de dormir, alimentação e cura de algumas doenças.

O território brasileiro com seu clima tropical, apresenta características favoráveis ao cultivo de algodão e o mesmo foi cultivado por décadas em diversos pontos da faixa litorânea do Brasil. O algodão teve papel importante na economia dos períodos colonial e imperial no nordeste brasileiro com a destruição das lavouras de cana de açúcar na época da invasão holandesa (TENÓRIO; LESSA, 2013).

Com um plantio que não requer altos gastos e estava acessível a qualquer fazendeiro, o “ouro branco” se dissemina por diversos campos de plantação em todo o nordeste brasileiro. Tenório e Lessa (2013) expõem que o algodão não era um produto de primeira linha nos países europeus, os quais usavam vestuários de lã e linho. Porém, com os avanços técnicos dos séculos XVIII e XIX, o algodão começou a ter seu aproveitamento com maior expressividade.

Com a Revolução Industrial e os avanços tecnológicos que marcaram a humanidade, o algodão é elevado como um dos esteios da expansão industrial e do comércio internacional.

Embora tardia, a cultura do algodão esteve presente na economia alagoana tendo seu auge no final do século XIX e decadência no final do século XX. Vale salientar que a cultura do algodão foi importante para o crescimento do estado de Alagoas, assim como, a cultura fumageira disseminada no polo econômico de Arapiraca.

Um fator determinante para o amadurecimento e desenvolvimento têxtil em Alagoas foi a expansão das vias férreas por todo o estado, facilitando o fornecimento de matéria-prima e o escoamento das mercadorias. Tenório e Lessa (2013) intitulam a máquina férrea como o símbolo mais forte da Revolução Industrial.

O desenvolvimento industrial têxtil iniciado em Maceió se disseminou por todo o estado de Alagoas. A consolidação da indústria têxtil aconteceu nos territórios de Penedo, Piaçabuçu, Pilar, São Miguel dos Campos, Rio Largo e Delmiro Gouveia. Estas cidades tiveram suas trajetórias mudadas substancialmente pela influência da população operária que tomou conta de seus perímetros.

Em 1888, um grupo de acionistas chefiado pelo Comendador Teixeira Bastos, viu no atual território da cidade de Rio Largo a possibilidade da criação da segunda industrial

têxtil do estado de Alagoas. Em 1890, a Fábrica Cachoeira começa a movimentar seus teares, tendo como produto final a produção de tecidos de algodão crus e brancos. Paiva Filho (2013) afirma que a escolha do local de implantação da unidade fabril está relacionada a geografia local e a presença dos trens a vapor que exportavam a produção.

O sucesso da Fábrica Cachoeira foi notório e teve grande destaque na sociedade local. Visto a possibilidade de aumento do lucro, provindo da produção de tecidos, em 1893 o grupo de acionistas cria a segunda fábrica Rio Larguense, sendo esta nomeada de Fábrica Progresso Alagoano, situada próxima da Fábrica Cachoeira, porém em um nível acima, ainda seguindo o curso do rio Mundaú. A fábrica foi responsável pela produção de tecidos coloridos e malhas (SANT'ANA, 1970). Contudo, pouco tempo depois, como mostra Lessa (2008), as duas fábricas unem seus capitais e formam a Companhia Alagoana de Fiação e Tecido.

Imagem 6 – Fábrica Cachoeira, em Rio Largo



Fonte: Paiva Filho (2013).

Imagem 7 – Fábrica Progresso, em Rio Largo



Fonte: Paiva Filho (2013).

Em 1980, decorrente da grande crise nacional vivenciada na produção de tecidos, a CAFT teve seus teares desligados e sua produção interrompida, nunca mais

vindo a produzir tecidos, deixando centenas de famílias desamparadas de emprego e apoio social, cultural e de lazer.

O modo de vida de Rio Largo mudou após o desmonte das fábricas, modificando o ritmo da vida local, as ruas que eram ocupadas por operários ao fim do expediente foi esvaziando progressivamente com o tempo (RODRIGUES; HIDAKA, 2017). O encerramento das atividades fabris resultou na população Rio Larguense direcionando-se a Maceió para a busca de trabalho, caracterizando Rio Largo como cidade dormitório (MATOS; JESUS; MATOS, 2009).

Rodrigues e Hidaka (2017) caracterizam que os significados e valores da CAFT foram alterados pelo novo momento econômico marcado pelo desmonte fabril. O progresso industrial que um dia representou Rio Largo foi substituído pelos remanescentes da paisagem urbano-industrial da CAFT, simbolizando estagnação para o núcleo urbano fabril.

Decorrente do fechamento e fatores naturais como a enchente do Rio Mundaú em 2010, fizeram com que a estrutura física do perímetro da extinta CAFT fosse comprometida e deteriorada. O que um dia foi símbolo do progresso, riqueza e prosperidade tornou-se um remanescente da paisagem urbano-industrial, simbolizando agora a estagnação do núcleo urbano (RODRIGUES; HIDAKA, 2017).

No início do processo de desmonte alguns operários receberam suas moradias como indenização no fechamento da fábrica, outras edificações permaneceram sob tutela dos órgãos públicos e a grande maioria das edificações de apoio estão até hoje sob a tutela dos herdeiros de Gustavo Paiva.

Castro (2015) constatou que cerca de 90% do território do bairro Gustavo Paiva está sob a tutela dos herdeiros da família Paiva. Algumas edificações como a Igreja Sagrado Coração de Jesus são mantidas conservada, embora a Fábrica Cachoeira esteja sob arrendamento a uma empresa de ônibus metropolitano. As edificações da administração, oficina e galpões de armazenamento estão em desuso e processo de arruinamento acelerado.

Como o bairro de Gustavo Paiva pertence em sua maior parte aos herdeiros Paiva, o local toma ares de fantasmagórico por ter seu número de moradores reduzido e a expansão urbana próxima a BR 101 na parte alta do Município.

4 O ESPRAIAMENTO URBANO EM RIO LARGO DECORRENTE DO SURTI- MENTO DA COMPANHIA ALAGOANA DE FIAÇÃO E TECIDOS

O povoamento da região da foz do Vale do Mundaú segundo Oiticica (1967) foi iniciado pelas famílias Calheiros, Gomes de Melo ou Mello, Rocha Lins e Pereira Rosa. Com o cultivo da cana-de-açúcar, plantando e fundando engenhos que hoje constituem centros industriais, vilas e cidades como “da ‘Boa Fortuna’, do ‘Pau Amarelo’, da ‘Cachoeira’ e do ‘Rio Largo’, este último, sede do Município e Comarca” (OITICICA, 1967, np, apud PAIVA FILHO, 2013, p.17).

A origem da cidade de Rio Largo está ligada à história da industrialização fabril do século XIX, ao município de Santa Luzia do Norte e ao surgimento da via férrea

que ligava o interior de Alagoas ao porto de Maceió. Tenório e Lessa (2013) dizem que o surgimento do povoamento de Rio Largo está ligado a dois engenhos de açúcar: Engenho Rio Largo e Engenho Cachoeira do Regente, sendo posteriormente compradas por indústrias têxteis.

A linha férrea inaugurada na região em “três de dezembro de 1884”, foi um dos principais fatores da instalação das indústrias têxteis em Rio Largo, sendo a ferrovia o principal meio de escoamento da produção e fornecimento de matéria-prima (RODRIGUES, 2014). Atrelado ao surgimento da linha férrea, os detentores de capital financeiro viram na região outro grande fator importante para a indústria têxtil, o Rio Mundaú.

Como o próprio nome da cidade Rio Largo exprime, a região fica localizada aonde o Rio Mundaú tem sua maior extensão transversal, ou seja, aonde o rio é mais largo. Além da extensão do Rio Mundaú na região, ele apresenta cachoeiras e quedas d'água no perímetro, facilitando assim seu represamento e uso como produtor de energia para as caldeiras fabris. Para entender o processo de espraiamento urbano que ocorreu em Rio Largo vamos analisar a divisão política de Alagoas nas imagens.

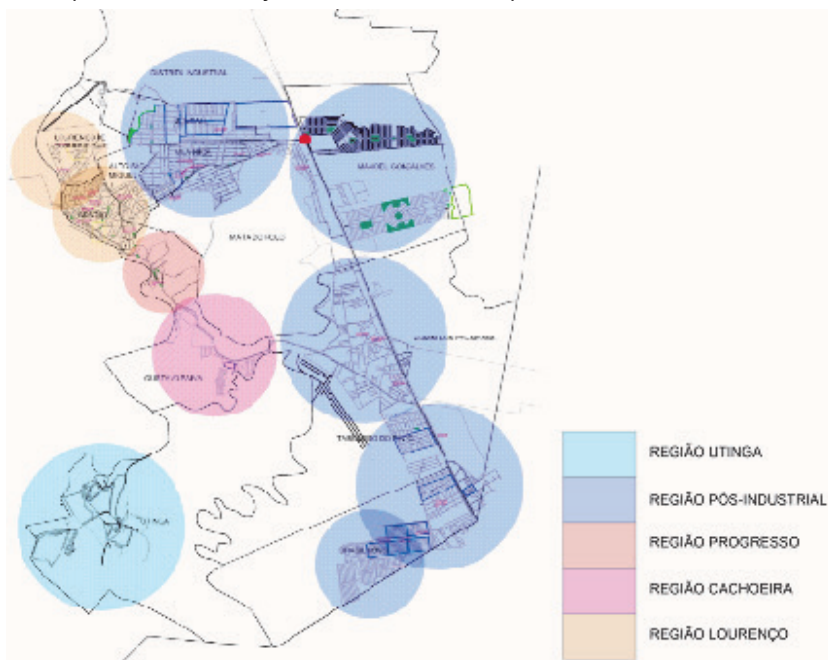
Em 1817 Alagoas era dividida em grandes porções de capitânicas, sendo a de Penedo com maior quantidade de área. No mesmo ano o território hoje conhecido como Rio Largo ainda estava pertencente à região denominada Alagoas, próximo ao município de Maceió. É a partir da divisão política de 1917 que vemos o município de Santa Luzia do Norte Marcado no mapa e a partir de 1967 a presença de Rio Largo como município do estado de Alagoas.

Segundo Castro (2015) a localização do perímetro têxtil de Rio Largo (na época ainda município de Santa Luzia do Norte) foi estruturado em uma topografia acidentada de quando o município ainda era povoado. Silva e Silva (2010) definem que Rio Largo tornou-se núcleo urbano como resultado do surgimento de mercado, classes sociais e suas relações e da divisão do trabalho fabril a partir de 1915 com a emancipação do município. O novo núcleo fabril era composto por diversos equipamentos de lazer, cultura e trabalho espalhados pelo relevo acidentado.

Na parte baixa do relevo eram localizados os edifícios da primeira fábrica (Cachoeira) e seus galpões, a administração e oficina na frente da praça 15 de outubro, a igreja e as primeiras residências operárias, estas distribuídas conforme a possibilidade do relevo e dos caminhos pré-existentes.

A parte baixa foi a primeira região de habitação operária de Rio Largo, tendo sua expansão iniciada em 1888 junto a construção da Fábrica Cachoeira. É ainda no bairro de Gustavo Paiva que foi construída a estação férrea de Gustavo Paiva que ligava o interior do estado a capital alagoana. Vale ressaltar que todo o perímetro têxtil se expandiu por meio do leito do Rio Mundaú, visto a importância do rio para o abastecimento da cidade, das caldeiras fabris e por ter sido o maior influenciador para a instalação do perímetro têxtil no local.

Na parte alta foi instalada a Fábrica Progresso Alagoano, seguido do Grupo Escolar, Cassino, Cinema, Teatro, Ginásio, Departamento de Saúde, além da residência da família Paiva. Ainda na parte alta foram construídas novas residências para os operários da Fábrica Progresso, seguindo o relevo acidentado do local.

Imagem 8 – Mapa de setorização histórica do espraio urbano

Fonte: Acervo do Autor (2019).

No mapa anterior é possível observar cinco regiões de crescimento urbano a primeira datada é a Região Utinga, onde fica localizada a Fábrica Utinga Leão e o povoado com residências na região e anterior ao surgimento da CAFT. A segunda região é a Região Cachoeira, no local existiam propriedades rurais espalhadas, porém teve seu crescimento urbano acelerado com a implantação da Fábrica Cachoeira e sua vila operária.

A terceira região de expansão urbana foi compreendida na Região Progresso, com a instalação da Fábrica Progresso Alagoano e sua vila operária, além das obras de apoio da CAFT. A quarta região de expansão seguiu o leito do Rio Mundaú e o relevo acidentado do perímetro de várzea e no mapa foi identificada como Região Lourenço, no local foi instalada na expansão industrial a estação férrea de Lourenço de Albuquerque. A quinta região de expansão foi categorizada, observando a expansão após o encerramento da indústria têxtil no município. A região compreende o relevo acidentado da parte próxima ao rio Mundaú e toda a planície localizada nas margens da BR 101, como também o Aeroporto Zumbi dos Palmares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rio Largo desenvolveu-se por meio da cultura do algodão com a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos e da cultura canieira proveniente da Usina Utinga Leão, sendo a produção de algodão aquela que trouxe grandes impactos para o local, como a construção de residências e obras de apoio aos operários têxteis. Contudo,

atualmente, com o avançado processo de arruinamento das antigas edificações pertencentes a CAFT, o legado industrial é cada vez menos valorizado e preservado, restando em determinados momentos somente as recordações dos antigos moradores e operários como prova da magnitude que a CAFT teve na cidade.

Os bairros criados no período industrial da cidade, por possuírem grande dimensionamento no perímetro urbano, acabam por serem modificados e adaptados à nova dinâmica da cidade, por meio dos novos usos dados às edificações e suas reformas. O processo de adequação para novos usos e realidades sinalizam a necessidade de estudos voltados à conservação do patrimônio arquitetônico dos conjuntos, a fim de estabelecer parâmetros que unam os novos usos à gestão do patrimônio.

A falta de reconhecimento do patrimônio edificado pela CAFT por órgãos competentes e pelo próprio plano diretor de Rio Largo, faz com que as obras de apoio sejam modificadas livremente, muitas vezes perdendo suas características originais e em determinadas situações sendo demolidas. O patrimônio industrial que tem suas particularidades voltadas à apropriação do espaço decorrente das demandas industriais, da situação econômica e da organização social da época se encontra escasso e com a possibilidade de deixar de existir.

SOBRE O TRABALHO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada entre 2018-2019 como Iniciação Científica por aluno do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário Tiradentes (UNIT), sob orientação da profa. Dra. Mônica Peixoto Vianna (e-mail: monica_vianna@yahoo.com) e que teve o apoio financeiro do programa PROBIC para a sua realização.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Cristine Gonçalves de. **Relações de poder no complexo fabril têxtil de Rio Largo**: identificação inter-relações socioespaciais. 2015. 211 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

LESSA, Golbey. Ensaio - para uma história da indústria têxtil alagoana. **A voz do povo**: espaço de reflexão e debate sobre a formação social alagoana. 6 de dez. 2008. Disponível em: <http://http://pcbalagoas.blogspot.com.br/2011/10/para-uma-historia-da-industria-textil.html>. Acesso em: 5 jan. 2017.

MATOS, R. A.; JESUS, V. O. de; MATOS, N. A. **Instruções de tombamento**: pedido de tombamento da vila industrial modernista de Rio Largo/AL. Maceió: Oficina de Projetos; IPHAN, 2009.

O PROGRESSO de Rio Largo e a Obra do Commendador Gustavo Paiva. **Revista O Natal**, dezembro de 1938.

OITICICA, Luís Pereira da Rosa, apresentação do livro Memória sobre a cultura do café na província das alagoas, de Barnabé Elias da Rosa Calheiros, Typ. **Do Jornal das Alagoas**, Maceió, 1876, reeditado pelo Museu do Açúcar, IAA, Recife, 1967.

PAIVA FILHO, Arnaldo. **Rio Largo**: cidade operária. Maceió: SENAI/AL, 2013.

RODRIGUES, Rosemary Lopes. **Proposta de ações preservacionistas sobre dois exemplos do patrimônio industrial têxtil de Alagoas**. 2014, Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

RODRIGUES, Rosemary Lopes. **Conservação do patrimônio cultural** – perspectivas sobre o sítio industrial da antiga CAFT, Rio Largo-AL. 2017, 198 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

RODRIGUES, Rosemary Lopes; HIDAKA, Lúcia T. Ferreira. **Conservação do Patrimônio Industrial em Debate: O Caso do Sítio Industrial da Antiga Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, Em Rio Largo/Al**. Simpósio Científico 2017 - ICOMOS BRASIL. **Anais [...]** Belo Horizonte (MG) Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2018.

SANT'ANA, M. M. **Contribuição da história do açúcar em Alagoas**. Recife: Instituto do Açúcar e do Alcool; Museu do Açúcar, 1970.

SILVA, Kalina V; SILVA, Maciel H. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. V. 1. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas - Edufal, 2013. 184p.

Data do recebimento: 10 de junho de 2020

Data da avaliação: 17 de setembro de 2020

Data de aceite: 17 de setembro de 2020

1 Egresso do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: luizalbertocalheiros@gmail.com

2 Professora Titular do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: monica_vianna@yahoo.com